A organização de controle social e as práticas de base agroecológica.

The organization of social control and agroecological-based practices.

PIZZAIA, Luiz Gustavo Ennes[1]; LEAL, Larissa Sapiensa Galvão[1]; DUVAL, Henrique Carmona[1]; FERRAZ, Jose Maria Gusman[1]; GÊMERO, Cesar Giordano[1]
[1]Universidade de Araraquara – UNIARA – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento territorial e meio ambiente - PPGDTM; dtmeioambiente@uniara.com.br

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: Este relato apresenta as práticas agroecológicas mais comum entre os agricultores que compões as Organizações de Controle Social (OCSs) nos assentamentos rurais da região centro-oeste do estado de São Paulo. O relato considerou 4 organizações, 59 agricultores e 34 unidades de produção cadastradas no MAPA. A metodologia contou com aplicação de formulário semiestruturado, caderno de campo e registros fotográficos. Os dados foram analisados quantitativamente de forma descritiva e comparativa. Dentre os manejos praticados pelos integrantes das OCSs, o pousio, rotação de culturas e o consórcio são as técnicas mais comuns, que interferem diretamente na conservação do solo e são usadas tradicionalmente há gerações. Dessa maneira os resultados apontam que os agricultores das OCSs estudadas estão buscando soluções de conformidade orgânica pautados nos princípios da agroecologia.
Palavras-chave: Agricultura familiar; Metodologia participativa; Desenvolvimento rural; certificação participativa; agricultura orgânica.

Abstract: This report presents the most common agroecological practices among the farmers that make up the Social Control Organizations (SCOs) in the rural settlements of the central-western region of the state of São Paulo. The report considered 4 organizations, 59 farmers and 34 production units registered in MAPA. The methodology included the application of a semi-structured form, a field book and photographic records. Data were quantitatively analyzed in a descriptive and comparative manner. Among the practices practiced by members of the CBOs, fallow, crop rotation and the consortium are the most common techniques that directly interfere with soil conservation and have been used traditionally for generations. In this way the results show that the farmers of the CSTs studied are looking for solutions of organic compliance based on the principles of agroecology.
Keywords: Family farming; Participatory methodology; Rural development; participatory certification; organic agriculture.

Contexto

A Organização de Controle Social (OCS) é uma das maneiras de garantir a qualidade orgânica, disponível aos pequenos produtores organizados em grupo, associação ou cooperativa, com ou sem personalidade jurídica, que cumpram os regulamentos técnicos da produção orgânica, possuam a declaração de registro no MAPA e realizam a comercialização de forma direta ao consumidor, e/ou à mercados institucionais, como por exemplo, ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) ou à Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) via o

Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (MAPA, 2008). Seu papel é orientar de forma correta os agricultores que fazem parte dela. Por isso, para que cumpra bem seu objetivo, a OCS deve ser ativa e ter seu próprio controle, além de garantir que os produtores assegurem o direito de visita pelos consumidores, assim como do órgão fiscalizador, às suas unidades de produção (BRASIL, 2009). Esse mecanismo de garantia de qualidade foi criado a partir do Decreto Nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007, que abriu uma exceção na obrigatoriedade de certificação dos produtos orgânicos para a agricultura familiar. Desde então, inúmeras organizações conseguiram se cadastrar e comercializar sua produção como orgânica. Essa flexibilização garantiu o acesso dos produtores menos capitalizados ao mercado de orgânicos, permitindo a sua inclusão produtiva.

Sob a ótica energética, a agricultura está usando hoje mais energia do que o alimento contém em si, e a maior parte da energia investida advém de fontes finitas. Se a estratégia para satisfazer a demanda de alimentos da crescente população mundial continuar a depender destas fontes, diversos problemas críticos começarão a aparecer, alguns ecológicos, outros econômicos e sociais (GLIESSMAN, 2000). Primavesi (2016) defende que não existe fator econômico isolado, cada um depende e influi sobre outros, e que também não existe fator ecológico isolado. Se foi possível compreender isso na economia e usar estes conhecimentos como poderoso instrumento de manejo, também deve ser possível entender isso na natureza e usá-lo como base de manejo, pois a natureza funciona em ecossistemas com inter-relações e várias interdependências.

A pesquisa foi realizada nos assentamentos Fortaleza, Bela Vista do Chibarro e Monte Alegre, considerando 4 organizações, 59 agricultores, e 34 unidades de produção cadastradas no MAPA, conforme Quadro 1.

Nome da OCS	Data de formação	Assentamento	Município	Agricultores(as)*	Nº de lotes
Grupo orgânico do assentamento Fortaleza	março de 2014	Fortaleza	Bocaina	23	18
Grupo orgânico familiar Chico Bento	maio de 2015	Bela Vista do Chibarro	Araraquara	6	3
Orgânicos Bela Vista	outubro de 2016	Bela Vista do Chibarro	Araraquara	18	6
Orgânicos Monte Alegre	abril de 2017	Monte Alegre	Araraquara, Matão e Motuca	12	7

Quadro 1. Dados sobre as OCSs pesquisadas.
*o número de agricultores considera cadastrados (titulares) e familiares envolvidos na produção.
Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o cadastro nacional de produtores orgânicos.

Característica em comum desses assentamentos é sua inserção territorial em uma região de agricultura modernizada, monopolizada pela cultura da cana de açúcar. São exatamente as mesmas relações assimétricas, da integração produtiva entre usinas canavieiras, ou frigoríficos de frango industrial, com os assentados rurais (FERRANTE, BARONE, 2011; GÊMERO, 2013).

Descrição da Experiência

No que se refere aos insumos usados para a produção verificou-se que o esterco bovino, a cama de frango e o extrato de mamona são os mais comuns entre os agricultores, sendo que 86% dos agricultores compram o esterco bovino e/ou a cama de frango, somente algumas vezes é praticado a doação entre vizinhos. Dentre os manejos praticados pelos integrantes das OCSs, o pousio, rotação de culturas e o consórcio são as técnicas mais comum entre os agricultores, que interferem diretamente na conservação do solo e são usadas tradicionalmente há gerações. O pousio envolve o descanso do solo, por um período entre seis e 12 meses. Já a rotação de culturas é a alternância de plantio de espécies diferentes em um único terreno, o que garante a inserção de nutrientes variados no solo. O consórcio de culturas é uma técnica que visa um melhor aproveitamento do solo, cultivando espécies diferentes, próximas umas das outras. Os processos desta atividade descritos pelos agricultores também são registrados por Burla et al. (2015), que caracteriza a atividade como tradicional. Essa característica de reprodução da prática agrícola é um aspecto comum no país, sendo repassado geralmente de pai para filho e desta maneira é estabelecida a tradição (ABRAMOVAY, 1997). Outras práticas como uso de barreiras naturais, biofertilizantes, compostagem, uso da fossa séptica biodigestora, capina alternada, ausência de fogo, e plantio direto evitando revolvimento do solo, são práticas que foram estimuladas com a formação dos grupos e compartilhada entre eles. Alguns agricultores já realizavam essas práticas em suas unidades de produção, e outros colocaram em prática após as atividades e reuniões sobre as alternativas de manejo, conforme demonstra no Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1. Adesão dos agricultores a determinados manejos.

A barreira natural é instalada visando a proteção do cultivo a eventuais derivas de veneno, aplicados via pulverização aérea ou por vizinhos convencionais, além de reduzir os prejuízos causados pelo vento que força o processo de evapotranspiração da planta, inibindo seu potencial de desenvolvimento. Durante as visitas e aplicação do formulário foi notado que 86% dos agricultores fazem uso dessa prática, e a cultura normalmente usada é o capim Napier e/ou o feijão guandu, que geralmente é picado e adicionado na compostagem. O uso dos biofertilizantes e da compostagem

foram encontrados em 57% e 43% das unidades de produção que participaram da pesquisa, respectivamente. Essas são práticas que visam a autonomia do agricultor, e os tornam menos dependente de insumos externos. Tais produtos são elaborados usando resíduos da própria parcela, como restos culturais, esterco, cinzas, e podas, e são usadas na formação de canteiros, adubação de plantio, adubação foliar, germinação de sementes e na formação de mudas. A prática da capina alternada realizada em 71% das unidades pesquisadas é um manejo muito simples. É quando o agricultor realiza a capina das plantas espontâneas em uma linha e deixa de fazer na outra, e na próxima operação alterna o local de capina. Dessa maneira, o agricultor possibilita a moradia e sobrevivência de alguns insetos que contribuem principalmente para o equilíbrio e controle de pragas. O uso do fogo, considerado a ferramenta mais antiga usada pelo homem, responsável por parte do aquecimento global e aumento do efeito estufa é um assunto muito discutido nas reuniões OCS. Contudo, a maior parte dos agricultores que compõem os grupos, refletindo em 71% dos entrevistados, eliminaram o uso do fogo em suas unidades de produção, dado o entendimento que poderiam usar os resíduos no processo de compostagem, favorecendo a ciclagem de nutrientes. O plantio direto, tentando reverter a lógica de uma agricultura europeia de clima temperado aplicada em um país tropical, também é presente nas unidades de produção e foi encontrada em 57% delas unidades de produção. Essa prática para obter sucesso é necessária estar aliada a outra prática, que é o uso de cobertura morta protegendo o solo, da chuva, irrigação e compactação.

Resultados

Os resultados apontam que os agricultores das OCSs estudadas estão buscando soluções de conformidade orgânica pautados nos princípios da agroecologia e de certa maneira visam uma relativa independência de insumos externos. Se diferenciam de um tipo de orgânico empresarial por auditoria por três razões: por causa da prática de fazer seu próprio insumo e não realizar uma mera substituição de insumos; pelo fortalecimento da organização social no processo de reuniões e vistorias participativas.

Visualmente foram notadas melhorias nos sistemas de produção, porém vale salientar que ainda existem grandes desafios a serem superados nos processos de produção das OCSs, localizadas em áreas que foram degradadas antes de se tornarem assentamentos da reforma agrária, além da fragilidade dos agricultores, estarem cercados por um mar de cana-de-açúcar e de alta especulação da agricultura convencional.

Do mesmo modo que as mudanças aconteceram de forma gradual, ocorreram as transformações nas unidades de produção, assim como as alterações nos discursos dos produtores, que compreenderam os conceitos da produção de base agroecológica através das práticas de cultivo, como por exemplo, o uso correto de cobertura dos canteiros, implementação de quebra vento, adubação verde, adubação com compostagens, formas alternativas de controle de pragas e doenças, diversificação da produção e preservação da vegetação nativa.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em perspectiva.** São Paulo, v. 11, n. 2, p. 73-78, 1997.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução normativa nº 19, de 28 de maio de 2009.** Aprova os mecanismos de controle e informação da qualidade orgânica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 de maio de 2009.

BURLA, R. S. et al. Caracterização dos aspectos socioeconômicos e do processo produtivo agrícola dos produtores rurais da microbacia do Rio Doce, São João da Barra, RJ. **Vértices.** Campos dos Goytacazes, v. 17, n. 1, p. 149-162, 2015. Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/18092667.20150010>. Acesso em: 23 nov. 2018. DOI: https://doi.org/10.5935/1809-2667.20150010.

FERRANTE, V. L. S. B.; BARONE, L. A. Parcerias com a cana-de-açúcar: tensões e contradições no desenvolvimento das experiências de assentamentos rurais em São Paulo. **Sociologias** (Versão Impressa), Porto Alegre, UFRGS, v.13, p.262-305, 2011.

GÊMERO, C. G. **Assimetria nas Relações Contratuais com as Agroindústrias do Setor Avícola no Assentamento Horto De Bueno De Andrada Araraquara/SP.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Centro Universitário de Araraquara, UNIARA, 2013.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia.** Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Trad. Maria José Guazzelli. Porto Alegre: UFRGS, p. 653, 2000.

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Controle social na venda direta ao consumidor de produtos orgânicos sem certificação.** Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Brasília: Mapa/ACS, 2008. 24 p. Disponível em: <http:// www.planetaorganico.com.br/arquivos/CONTROLE_ SOCIAL.pdf> Acesso em: 10 janeiro 2017.

PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico de pragas e doenças:** técnicas alternativas para a produção agropecuária e defesa do meio ambiente – 2. ed. Ver. – São Paulo: Expressão Popular, 2016. 143 p.